

Boletim de Educação Especial e Inclusão Escolar





<i>Reitor</i>	Ricardo Luiz Louro Berbara
<i>Vice-reitor</i>	Luiz Carlos de Oliveira Lima
<i>Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação</i>	Alexandre Fortes
<i>Pró-Reitor de Graduação</i>	Joecildo Francisco Rocha
<i>Pró-Reitor de Extensão</i>	Roberto Carlos Costa Lelis

BOLETIM DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO ESCOLAR

Av. Governador Roberto Silveira S/N - Sala do EbEE- Bloco Biblioteca
Nova Iguaçu - RJ - Brasil
CEP: 26020-740 - Centro.
Telefone: +55 21 26690105 - Ramal 217
E-mail: boletimdeeducacaoespecial@gmail.com

Boletim
de Educação Especial
e Inclusão Escolar

Equipe

<i>Equipe Editorial</i>	<i>Dr^a. Márcia Denise Pletsch</i> <i>Dr^a. Márcia Marin</i> <i>Dr^a. Patrícia Braun</i> <i>Me. Alexandre Assis</i> <i>Me. George Bravo</i> <i>Ma. Izadora Souza</i>
<i>Editora Chefe</i>	<i>Dr^a. Márcia Denise Pletsch</i>
<i>Organizadoras</i>	<i>Dr^a. Márcia Marin</i> <i>Dr^a. Patrícia Braun</i>
<i>Capa e Diagramação</i>	<i>Me. Alexandre Assis</i>
<i>Ilustração do mapa mental e layout das fotos</i>	<i>Me. George Bravo</i>
<i>Fotos</i>	<i>Ma. Izadora Souza</i>

FICHA CATALOGRÁFICA

371.9
B688

Boletim de educação espacial e inclusão Escolar
/ Márcia Denise Pletsch...[et al.]. - 2. ed. - Nova
Iguaçu, 2018.
v. 2, ano 2 : il.

Anual

1. Educação especial. 2. Educação inclusiva. I.
Pletsch, Márcia Denise, 1977-. II. Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. III. Observatório
de Educação e Inclusão Escolar: práticas
curriculares e processos de ensino e aprendizagem
(ObEE).

CDD (22 ed.)

SUMÁRIO

EDITORIAL	08
<i>Márcia Denise Pletsch</i>	
DUA x DIFERENCIAÇÃO	
DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM E DIFERENCIAÇÃO CURRICULAR..	11
<i>Márcia Marin e Patrícia Braun</i>	
PANORAMA DO CURSO	
<i>Márcia Marin e Patrícia Braun</i>	
O QUE FOI O CURSO DE EXTENSÃO?	16
PANORÚMEROS	18
O CURSO EM GRÁFICOS	20
PARA REFLETIRMOS...FORMAÇÃO (CONTINUADA) DE PROFESSORES... PARA QUÊ? COMO?	24
PERCEPÇÕES E DEPOIMENTOS	28
PRODUTOS PEDAGÓGICOS	
INTRODUÇÃO	35
MAPA CONCEITUAL INTERATIVO	36
<i>Marcela Atala Coutinho</i> <i>João Lucas Iduino Oliveira dos Santos</i>	
HAND SPINNER: TECNOLOGIA ASSISTIVA NAS OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS	37
<i>Simone Santana França Carvalho</i> <i>Vera Lúcia Giupponi de Souza</i>	
AS CARTAS DE UMA HISTÓRIA – UMA PERSPECTIVA DE CRIAÇÃO PARA ALUNOS COM DI	39
<i>Patrícia Cardoso da Costa</i>	
OUTROS PRODUTOS PARA CONHECERMOS!	40
OUTRAS IDEIAS	43
PESQUISAS	
POR QUE AS ESCOLAS CONTINUAM PEDINDO O LAUDO PARA ESCOLARIZAR ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL?	46
<i>Carla de Paiva</i>	
EM FOCO O ATENDIMENTO PEDAGÓGICO DOMICILIAR	48
<i>Sheila Venancia da Silva Vieira</i>	
DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	49
<i>Izadora Martins da Silva de Souza</i>	
INDICAÇÕES DE LEITURAS	52
<i>Márcia Denise Pletsch</i>	

O **Boletim de Educação Especial e Inclusão Escolar** é uma produção do *Grupo de Pesquisa Observatório de Educação Especial e Inclusão Educacional (ObEE)*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas populares, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com colaboração do *Fórum Permanente de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva da Baixada Fluminense*.

O Boletim tem como objetivo disseminar os resultados de pesquisas e práticas pedagógicas que têm sido desenvolvidas nas Universidades e nas Escolas da Baixada Fluminense/RJ, focando a Educação Especial numa perspectiva da Educação Inclusiva.

Esta segunda edição será dedicada ao Curso de Extensão “**Ensino e aprendizagem para estudantes com deficiência: estratégias curriculares e recursos tecnológicos**” desenvolvido no ano de 2017 com a participação de 200 profissionais da Educação com o objetivo de: a) Oferecer aos participantes conhecimentos sobre os processos de ensino e aprendizagem para estudantes com deficiência, assim como as estratégias curriculares e recursos tecnológicos a serem empregados em sua escolarização; b) Implementar ações integradas de extensão, associadas ao ensino e à pesquisa, como estratégia de intervenção social da Universidade de forma colaborativa com os sistemas de Educação da Baixada Fluminense, mais especificamente junto a professores da rede pública de ensino que participaram dos projetos “Desenho Universal para a Aprendizagem: Implementação e avaliação do protocolo do livro digital acessível – DUA” (financiado por emenda¹ parlamentar gerenciada pela UFRRJ), “Inclusão de pessoas com deficiências: desenvolvimento e aplicação de tecnologias assistivas na escola e na vida (financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ)” e “Escolarização e Desenvolvimento de alunos com deficiência intelectual e múltipla na Baixada Fluminense” (financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq).

É importante sinalizar que a realização do Curso somente foi possível pela incansável parceria e colaboração da equipe do projeto do Livro Digital constituída por discentes de graduação, pós-graduação (mestrado e doutorado), professores de Educação Especial e Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Também não podemos deixar de mencionar a

¹ Emenda parlamentar do Senador Luiz Lindbergh Farias Filho para o desenvolvimento da pesquisa e extensão Universitária a ser aplicada na Baixada Fluminense.

parceria do Movimento Down. Meu agradecimento a todos vocês. Juntos temos realizado grandes feitos para a Educação, em particular, na Baixada Fluminense.

Ainda sobre esta edição quero destacar de forma muito carinhosa o empenho das coordenadoras de área de autismo e deficiência intelectual do projeto do livro Digital, Prof^a. Dr^a. Patrícia Braun e Prof^a. Dr^a. Márcia Marin, que juntamente com a equipe do Boletim (Alexandres Assis, George Bravo e Izadora Souza) nos apresentam agora uma bela síntese do que vivenciamos e experienciamos durante o Curso de Extensão no Instituto Multidisciplinar - Campus da UFRRJ de Nova Iguaçu.

Por fim, mais uma vez quero destacar a natureza social e política desse Boletim, como mais uma proposta coletiva e colaborativa para ampliar a parceria entre a Universidade e a Educação Básica, almejando que este material contribua para a veiculação não somente de informações, mas de motivação para que prossigamos buscando uma Educação cada vez mais inclusiva, justa e democrática.

Prof^a. Dr^a. Márcia Denise Pletsch

Coordenadora Geral dos projetos e do ObEE

DUA X DIFERENCIAÇÃO

**Márcia Marin
Patrícia Braun**

O Curso de Extensão *Ensino e aprendizagem para estudantes com deficiência: estratégias curriculares e recursos tecnológicos* teve como base de discussão, para formação docente em serviço, os conceitos referentes à concepção do desenho universal para aprendizagem (DUA). A necessidade de compreender melhor tal perspectiva proporcionou tanto ao grupo de pesquisadores responsáveis pelo curso quanto aos participantes vários questionamentos e reflexões.

Trazemos aqui algumas ideias que sintetizam os conceitos teóricos e nossas inquietações.

DESENHO UNIVERSAL: concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados, na maior medida possível (em função das necessidades observadas), por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico.

OS SETE PRINCÍPIOS DO DESENHO UNIVERSAL

Igualitário – uso equitativo
Adaptável – uso flexível
Óbvio – uso simples e intuitivo
Conhecível – de fácil percepção
Seguro – tolerante ao erro
Sem esforço – baixo esforço físico
Abrangente – dimensões razoáveis

Sete princípios se ampliam em nove...

Os autores Valle e Connor (2014)² possibilitaram que fizéssemos a comparação entre os princípios de desenho universal e do desenho universal

² VALLE, Jan W. & CONNOR, David J. *Ressignificando a deficiência: da abordagem social às práticas inclusivas na escola*. Porto Alegre: AMGH, 2014.

para a aprendizagem, e ao pensar no nosso cotidiano na educação básica, passamos a nos questionar, compreender melhor e visitar nossas práticas.

Segue abaixo uma organização de ideias...

PRINCÍPIO	DUA	EXEMPLOS	QUESTÕES
IGUALITÁRIO – USO EQUITATIVO	O ensino é planejado para ser útil e acessível para pessoas com capacidades diversas. Os mesmos meios podem ser proporcionados a todos os estudantes e, quando não for possível, um meio equivalente deve ser proporcionado.	Audiolivros, legendas em qualquer vídeo, leitores de tela, intérprete de Libras.	Audiolivros, filmes, documentários e programas legendados, leitor de tela devem ser disponibilizados para todos? Quando fazemos isso?
ADAPTÁVEL - FLEXÍVEL	O ensino é planejado para acomodar uma variedade de capacidades individuais. O docente deve dar oportunidade de escolha aos estudantes.	Informações podem ser acessadas em variadas fontes – livros, documentos, internet/sites, entrevistas. Uma tarefa escolar pode ser realizada por meio de uma apresentação oral, de um texto escrito, de uma imagem.	Qual é a base para que um ensino seja flexível? Como garantir diversas possibilidades de participação diversificada dos estudantes?
ÓBVIO – SIMPLES E INTUITIVO	O ensino é planejado de uma maneira direta e fácil de entender.	Informações claras fornecidas para todas as tarefas – de modo oral, escrito e com imagem. Materiais devem ser fáceis de acompanhar – objetivos, organizados. A participação do estudante deve ser claramente determinada (fazer anotações, opinar oralmente...). O apoio de colegas ou do docente pode ser disponibilizado durante as tarefas.	Como não confundir simplificação e clareza com minimização curricular?
CONHECÍVEL – INFORMAÇÕES PERCEPTÍVEIS	O ensino é planejado de modo que as informações/conteúdos /conceitos sejam acessíveis a todos.	Materiais escritos disponibilizados de forma digital, impressa, com fonte ampliada. As aulas podem ser gravadas. Legendas estão presentes em todas as mídias. Tradutores na internet podem ser acionados.	Precisamos esperar ter um estudante cego, disléxico, surdo, estrangeiro ou deficiente intelectual para preparar materiais acessíveis?
SEGURO - TOLERANTE AO ERRO	O ensino é planejado com previsão das variações no ritmo das aprendizagens individuais dos estudantes e considerando as habilidades de cada um	Aulas de apoio, material online para revisão e reforço, orientação às famílias para apoiar o estudante. Trabalhos entregues por partes para <i>feedback</i> e revisão. Complexidade da tarefa pode ser modificada.	Como evitar a frustração ou pouco desempenho do estudante ao oferecer tarefas difíceis demais, que não realize, ou fáceis demais, que cause desinteresse?
SEM ESFORÇO – BAIXO ESFORÇO FÍSICO	O ensino é planejado para evitar o esforço físico desnecessário, a fim de permitir o máximo de atenção voltada à aprendizagem.	Organização do espaço físico que garanta a circulação com facilidade para qualquer um. Uso de leitor nas avaliações. Consulta à tabuada. Uso da calculadora. Banco de palavras. Textos em formato digital ou áudio.	Estudantes, em geral, precisam de muito esforço físico e extenuação, demonstrar cansaço para provarem que estão estudando? Somente as atividades muito dinâmicas ou cinestésicas cansam?

ABRANGENTE – TAMANHO E ESPAÇO PARA QUALQUER UM	O ensino é planejado de modo que recursos, espaços, materiais possam ser ajustados.	Disposição das carteiras pode mudar: semicírculo, círculo, fileiras, grupos. Mesas que sirvam para destros e canhotos. Superfícies de trabalho que podem ficar em níveis diferentes. Maçanetas de fácil manuseio em portas e armários. Tamanhos de letras, folhas, cadernos, lápis.	Como interferir na organização, escolha, compra de materiais de uso escolar?
MAIS DOIS PRINCÍPIOS SE DESTACAM PARA DUA			
COMUNIDADE DE ESTUDANTES	O ensino é planejado de modo a promover a interação e comunicação entre todos os estudantes e entre estudantes e docentes.	Propostas de trabalho com a turma toda, ou em grupos, ou em duplas e também com instruções individualizadas. Todos sabem o nome de todos e conhecem habilidades e talentos de cada um. O diálogo é deliberadamente promovido.	Como se constitui uma comunidade/coletivo de estudantes? O que é importante para isso? Qual o papel docente nesse contexto?
CLIMA DE ENSINO	O ensino é planejado para ser acolhedor e para todos (inclusivo). Há expectativas elevadas em relação a todos os estudantes – espera-se que todos aprendam muitas coisas. Aprender o que não sabia.	Criação de um ambiente acolhedor, com respeito à diversidade. Os planejamentos de ensino expressam a concepção de diversidade em seus objetivos. O feedback específico é dado de modo contínuo ao estudante. As expectativas sobre o seu desempenho são informadas aos estudantes de forma clara, e são altas.	Como se estabelece o clima de ensino? Compete a quem?

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras do texto.

Consideramos que os princípios de DUA favorecem de modo significativo um trabalho escolar que envolve a participação de estudantes com diferenças significativas. Porém, ainda compreendemos e destacamos que a adoção dessa perspectiva, que necessariamente envolve revisão curricular e de metodologia de ensino, por si só não atenderá determinadas demandas do processo de aprendizagem.

Ponderamos que: a) não são somente os recursos disponíveis que caracterizam o ambiente como um espaço de ensino inclusivo, mas sim **como** são aplicados em relação à composição do grupo de estudantes; b) o que torna um ambiente escolar inclusivo é a **qualidade da mediação** realizada durante os processos de ensino e de aprendizagem; c) essa qualidade está diretamente relacionada aos aspectos individuais do desenvolvimento que cada um pode apresentar. Daí podermos pensar nas **diferenciações** a serem realizadas a partir da seleção e elaboração de recursos pertinentes e da individualização necessária para alguns.

O trabalho docente se fortalece quando está baseado numa construção

colaborativa, precisamos em conjunto vivenciar reflexões e análises constantes relacionadas ao fazer pedagógico, considerando o contexto sociocultural e a realidade de cada escola, isso impulsiona e nos sustenta num propósito de promover uma educação para todos de fato.



PANORAMA DO CURSO

O QUE FOI O CURSO DE EXTENSÃO?

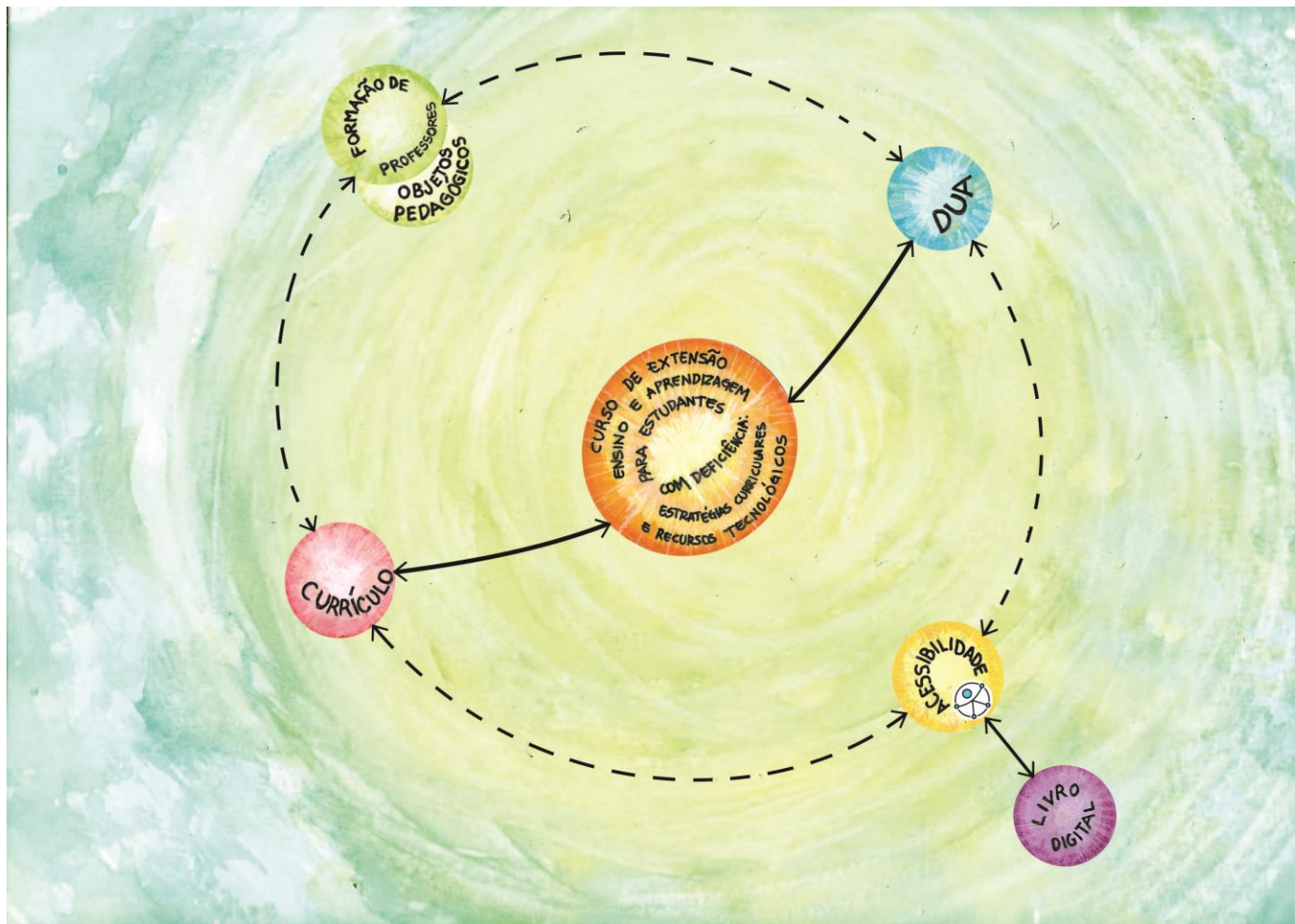
Ao fim dos trabalhos e para compor este Boletim, pensamos: *Como traduzir de maneira interessante tantas experiências e práticas compartilhadas?*

E, refletindo sobre o percurso realizado no desenvolvimento do curso, quisemos usar algo acessível, sintético, estético e conceitual.

Daí surgiu a concepção de utilizar um MAPA DE IDEIAS, instrumento ao qual nos referimos tantas vezes.

Um esquema que interligasse ideias, com uma dinâmica de movimento, interação e construção, dando sentido e permitindo formas variadas de olhar um mesmo contexto.

No MAPA DE IDEIAS a seguir, concebido artisticamente em aquarela, por *George Bravo*, temos:



Ao centro, o nome do curso circundando e se retroalimentando os conceitos principais de: currículo e DUA - num certo paralelismo; formação de professores imbricado com objetos pedagógicos; e completando essa dinâmica, o foco das nossas discussões: acessibilidade e livro digital linhas pontilhadas e setas para garantir a permeabilidade

TOTAL DE PARTICIPANTES = 200 profissionais da Educação

120 HORAS em:

4 MÓDULOS PRESENCIAIS – aulas com aportes teóricos e práticos

4 OFICINAS sobre estratégias e recursos de ensino e aprendizagem para:

- pessoas com surdez
- pessoas com deficiência visual
- pessoas com deficiência intelectual
- pessoas com autismo

4 MESAS protagonizadas por pessoas com deficiência ou autismo

1 MÓDULO para orientação da elaboração dos recursos pedagógicas, via plataforma Moodle.

1 SEMINÁRIO e **16 OFICINAS** dinamizadas por docentes das redes de ensino municipal colaboradoras

1 MOSTRA DE RECURSOS PEDAGÓGICOS, com cerca de **50 produtos** apresentados

Continuando com números, e para melhor compreender este cenário, apresentamos a seguir alguns dados sobre os **participantes** em formato de gráficos.

palabras



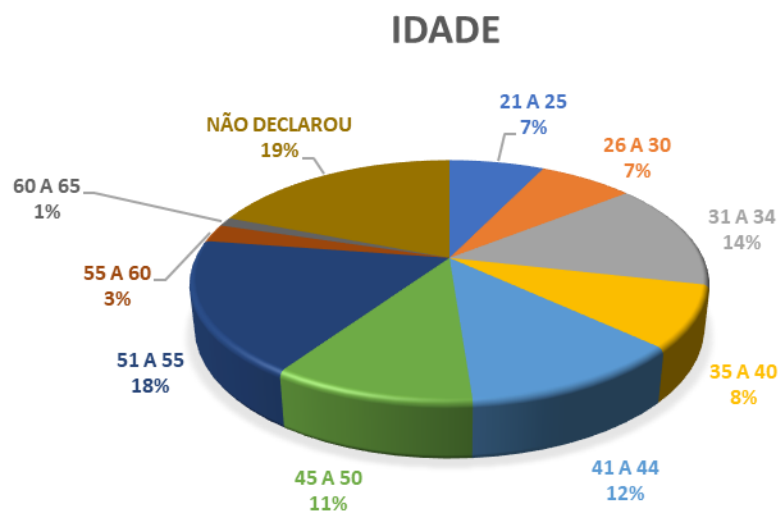
O CURSO EM GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Gênero dos participantes



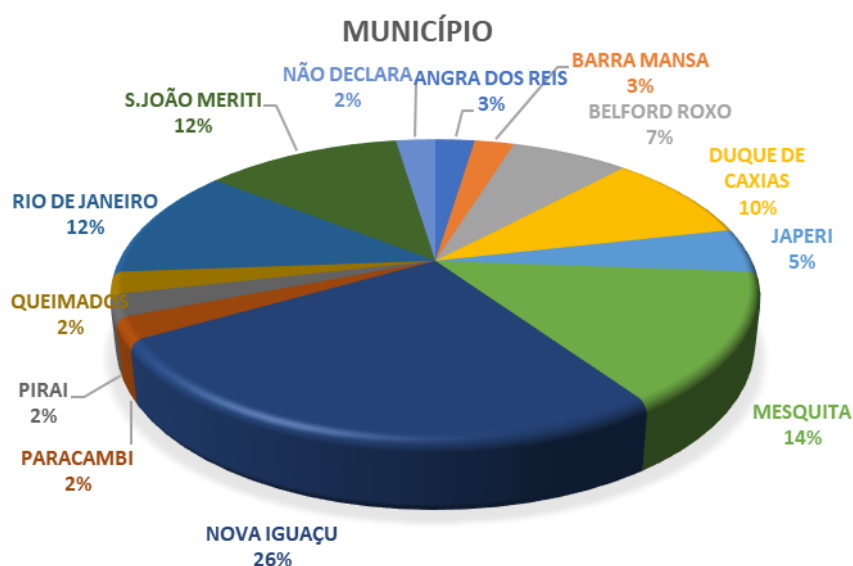
Público predominantemente feminino, um reflexo quase “natural” da área docente, na educação Básica.

GRÁFICO 2 – Idade dos participantes



Há uma aproximação percentual do que poderíamos chamar de “docentes mais jovens”, entre 21 a 40 anos, 36%, e “mais maduros”, entre 41 a 55 anos, 41%. Importante destacar a participação de docentes entre 56 e 65 anos, perfazendo 4% do público.

GRÁFICO 3 – Município de origem dos participantes



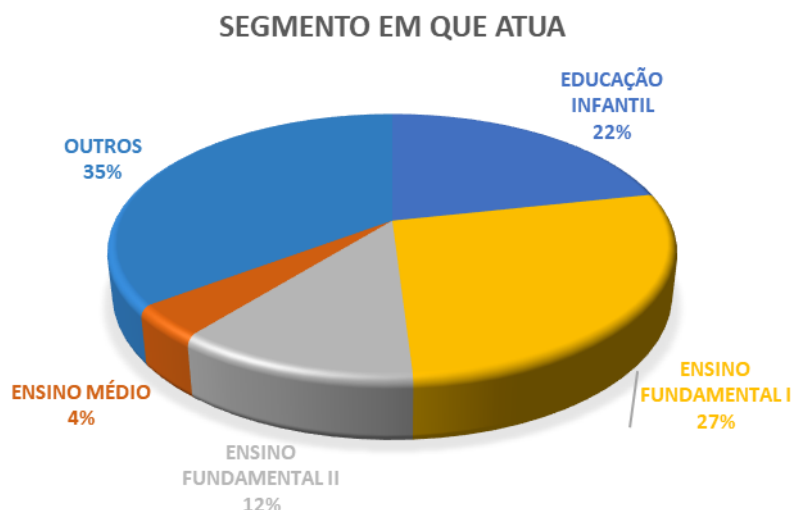
O curso atendeu prioritariamente profissionais de municípios da Baixada Fluminense, 76 %. Esse era o interesse e a maior intenção, com destaque para Nova Iguaçu, 26%. E ainda abrangeu o município do Rio de Janeiro com 12% e outros mais distantes, que perfizeram um percentual de 10%.

GRÁFICO 4 – Rede escolar em que cada participante atua



O compromisso e envolvimento com a escola pública estão claros no gráfico (79%), sem deixarmos de nos abrir a outras esferas, num diálogo possível e enriquecedor.

GRÁFICO 5 – Segmento da Educação Básica em que cada participante atua



A concentração na Educação Infantil e Ensino Fundamental I (49%) é em certa parte reflexo das estruturas das redes envolvidas, que são responsáveis por esse grupo, e da maior presença de estudantes com deficiência nesses segmentos.

Precisamos refletir sobre o Ensino Médio.

Mas a maior preocupação, no momento, é atingirmos o Ensino Fundamental II, onde muitas vezes tem sido um maior desafio o trabalho com os estudantes.

PARA REFLETIRMOS...FORMAÇÃO (CONTINUADA) DE PROFESSORES... PARA QUÊ? COMO?

Patrícia Braun

Márcia Marin

A formação de professores...

...traz um debate que sempre está em pauta. Isso porque lidar com o processo de escolarização suscita continuamente a atualização de meios, formas, metodologias e recursos, em função de demandas que se atualizam dia a dia. Uma demanda se constituiu com o advento dos princípios da inclusão escolar – **acesso, participação e aprendizagem** – pois estudantes com deficiência e outras necessidades educacionais especiais (NEE), que outrora não eram matriculados em turmas comuns, passaram a exigir respostas do sistema escolar e de seus professores para serem atendidos em suas peculiaridades.

Embora ações para efetivar a inclusão escolar estejam em maior evidência, nas duas últimas décadas, principalmente por conta das políticas públicas criadas e leis sancionadas para oferecer diretrizes sobre a escolarização de alunos com deficiência, autismo ou altas habilidades, vale lembrar que situações de exclusão e discriminação ocorrem há muito tempo e muito antes de falarmos sobre necessidades educacionais especiais.

O padrão esperado para um estudante é de um desenvolvimento linear e em tempos que caibam em anos/séries pré-estabelecidos, constituindo-se como um fator que pode descaracterizar qualquer sujeito que se “desvie” do previsto para o aprendizado, seja na forma de se comunicar ou de se relacionar com o mundo e o conhecimento. Tanto isto é fato que há inúmeras pesquisas que retratam e discutem o fracasso escolar.

Mattos (2012, p. 217)³ nos alerta com propriedade sobre este debate em tela ao dizer que:

A inclusão em educação não se restringe à visão multifacetada da deficiência. Ela se constitui na dialética exclusão/inclusão, fazendo-se parte constitutiva da exclusão. Sabe-se que a antinomia exclusão/inclusão significa o direito à satisfação das necessidades

³ Mattos, Sandra Maria Nascimento de. **Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares**. *Educ. rev.*, Jun 2012, no.44, p.217-233. ISSN 0104-4060.

básicas de aprendizagem, a eliminação das barreiras à aprendizagem e a participação de todos no sistema educativo. Entende-se que isso só ocorrerá quando direcionar-se o pensamento para o desenvolvimento de culturas, para a construção de políticas e para a orquestração de práticas inclusivas. Essas três dimensões são necessárias ao (des)envolvimento inclusivo dentro de qualquer escola que pretenda tornar-se inclusiva.

E, nessa direção – ainda que haja um contexto sociocultural que requer muita, mas muita atenção e grandes mudanças sobre a percepção da condição humana – a escola e seus agentes são responsáveis pela orquestração de práticas que envolvam estudantes em processos de inclusão escolar.

Entendemos que esse espaço isoladamente não vai garantir *acesso, participação e aprendizagem*. Na verdade, para que este tripé possa ser efetivado há muitos fatores sociais, políticos e econômicos que devem ser observados e garantidos. Ou seja, há a necessidade de um contexto coletivo com ações para além da escola, que possam respaldá-la em suas práticas.

Nesse contexto, a formação docente em serviço, com espaços para debate e reflexão sobre diretrizes de políticas públicas e sobre práticas escolares é uma alternativa significativa. Conhecer realidades diversas, estabelecer trocas, constituir novos conhecimentos podem resultar numa oxigenação e alimentação da ação docente cotidiana.

Assim, ao observar os números do curso de extensão aqui divulgados, é possível visualizar o quanto é importante uma formação que contemple a discussão e a organização de práticas pedagógicas efetivas e eficazes, que olhe de dentro da realidade onde a escola e seus professores estão e proponha reflexões sobre o que é feito, como se faz, o que funciona e o que pode ser diferente.

Na proposta em tela, foram 11 municípios envolvidos, com docentes de diferentes redes, níveis e setores da educação básica. Num total, em torno de 200 participantes.

Além disso, é preciso destacar o papel da universidade como agente de formação. Internamente com seus graduandos, mestrandos e doutorandos – que participaram da elaboração, dinamização e frequentaram o curso; e externamente, desenvolvendo seu papel social de diálogo com as cidades.

A experiência da construção coletiva e da necessidade de criação de recursos conduziu a uma percepção de potência e de criatividade que às vezes adormecem e se ocultam.

Assim:

Por entre tantos lugares de origem, modos de pensar, de ser e de experimentar a prática docente, observamos a riqueza da ação pedagógica quando pensada no coletivo, de forma colaborativa, somos capazes de articular meios e recursos para o desenvolvimento humano. Essa é a riqueza de conviver na e com a diversidade!

A todos e todas que compõem ou ainda virão a compor conosco essa diversidade sobre o fazer pedagógico, nossa parceria e admiração para pensarmos e fazermos juntos!

Comunidade



PERCEPÇÕES E DEPOIMENTOS

Aqui apresentamos alguns depoimentos de participantes sobre sua experiência a partir do curso de extensão realizado. São falas de professores, professoras, gestoras de equipes escolares ou de outros agentes escolares que, em busca de saberes que fundamentassem suas práticas, compartilharam seus conhecimentos.

O curso foi imensamente importante, tanto na minha vida profissional, quanto acadêmica. Durante a realização do curso aprendi muito sobre prática de inclusão, o que me despertou uma vontade de estudar mais o assunto, me fazendo voltar a vida acadêmica. O aprendizado alcançado durante o curso me permitiu o uso de ferramentas facilitadoras durante o processo ensino-aprendizagem dos meus alunos com necessidades educacionais especiais, matriculados em sala de aula regular. Por fim, me sinto profundamente orgulhosa por ter feito parte deste grupo que busca uma inclusão efetiva e uma educação de qualidade.

***Priscilla Machado. Professora
Prefeitura Municipal de Itaguaí***

Como estudante do 8º período do curso de graduação em Pedagogia e na urgência de quem precisa de capital de vivências para poder atuar em estágios em educação, torna-se uma ferramenta de política afirmativa para uma educação significativa como também viabiliza que estudantes dos cursos em educação estejam mais preparados para a realidade das escolas sob as respectivas da inclusão. O curso disponibilizou muito recurso de pesquisa, material digital, espaço virtual, feiras de exposição de materiais didáticos, além de muitas horas de debates, aulas expositivas, depoimentos de pessoas que relataram suas histórias de vida e uma equipe de professores empáticos e comprometidos com a Educação Inclusiva. Compreender a Educação Inclusiva me modificou e a partir daí posso usar esta compreensão para a minha prática pedagógica.

***André Pimentel
Estudante de Pedagogia***

Aprendi muito pois aprofundei meus conhecimentos, conheci novos Autores e novas propostas de ensino. Enfim, aprendi e conheci muito. Obrigada! Amei!

***Priscilla Dalmas. Professora
Estudante de Pedagogia –
FEBF/UERJ***

O curso nos proporcionou momentos mágicos! Várias possibilidades de aprendizagens. Aprendemos a criar desenhos universais para atender aos alunos com deficiências e os demais. Eu só tenho que agradecer as Professoras Márcia Denise Pletsch, Márcia Marin, Patrícia Braun, Flávia Faissal e toda equipe por ter tido a oportunidade de criarmos o nosso querido "Boneco Alex". Através da confecção dele pudemos observar a grandiosidade da proposta do desenho universal para aprendizagem e o quanto ela pode ser trabalhada nas turmas desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental. Podemos trabalhar nas disciplinas de Ciências, Matemática, História, Língua portuguesa e etc. São tantas as possibilidades que a nossa experiência em sala de aula testifica o quanto este curso foi valioso. Fazer parte deste grandioso evento foi muito importante para o nosso crescimento pedagógico. Agradeço pela oportunidade e espero colocar em prática tudo que aprendi com vocês ao longo do curso. Deixo aqui o meu agradecimento com muito carinho.

***Rosangela Honório dos Santos. Professora.
Prefeitura Municipal de Queimados.***

Ingressar no Curso foi um grande desafio [...] em reconhecer-me, após alguns anos, como professora ainda aprendiz e produtora de ideias e, assim foi, desde o início, com a construção do memorial e durante todas as aulas e oficinas. A cada dia sentia-me mais forte e capaz. Em sala de aula, observava possibilidades e soluções, o sentimento de desânimo foi sumindo, ganhei uma nova energia, um novo olhar para o cotidiano, afinal a escola era a mesma, os estudantes também. As propostas de reflexões, os questionários, as aulas das professoras para tantos, mas ao mesmo tempo tão próximas, tão abertas, despertavam e mantinham acesa a vontade de continuar [...] a construção do objeto pedagógico [...] foi confrontar os ensinamentos construídos com a prática, pois sabia como deveria ficar, então deveríamos trabalhar para alcançá-lo, vivi a metodologia da solução de problemas. Foi maravilhoso descobrir que o Word tinha o recurso de gráficos que poderia facilitar não só a confecção do jogo, mas também todo o meu fazer pedagógico, descobrir que através do Facebook e recursos de internet, que sempre fui alheia, poderia aprender mais rápido e melhor; vivenciar dificuldades e potencialidades em cada um, inclusive, em mim; descobrir que sempre há algo a mais que podemos fazer/tentar para que o educando aprenda e, se não consigo sozinha, preciso estar aberta às novas [...] parcerias. Por fim, gostaria de expressar a minha profunda gratidão a este grupo, transformador de histórias [...] comunicar a minha convocação para coordenar os trabalhos da Salas de Recursos da minha cidade, mais um desafio aceito [...].

***Simone Santana França Carvalho. Professora
Município de Duque de Caxias***

O curso foi extremamente importante na minha formação profissional. Os temas das palestras foram ótimos, abrangentes e profundos. Aprendi que TODA criança tem o direito de aprender. Há caminhos que podemos traçar para ajudar a criança com dificuldade a aprender. Sempre há um caminho. Precisamos focar em suas potencialidades. O percentual de aprendizagem não pode ser medido ou cobrado em 100%. Precisamos focar no avanço, no progresso dessa criança. A aprendizagem não pode ser parametrizada. O primeiro passo para que a inclusão aconteça está na relação que é criada entre o professor e o aluno. No entanto, a ação colaborativa permitirá o êxito dessa inclusão. Cada criança tem um tempo para aprender. Não somos nós, com nossos planejamentos rígidos, que impomos esse tempo. Os depoimentos das de estudantes com deficiência, ao final do curso, me permitiram ouvir (de fato) e entender o outro lado. Nesse momento foi lhes dada a voz, para que nós pudéssemos entender como essa inclusão é recebida por eles – sujeitos de toda essa narrativa. As oficinas foram de extrema importância, já que nós deveríamos ouvir para ao final colocarmos a mão na massa. O projeto final foi ímpar. Pude desenvolver um trabalho que poderá ajudar a qualquer criança, deficiente intelectual, auditiva, autista, com dificuldade de aprendizagem e que não tenha problema nenhum. É uma ferramenta que traça o caminho para o desenvolvimento de uma narrativa. Enfim, pude aprender tudo isso! E que existe um grupo de profissionais empenhados em fazer a inclusão dar certo em um país tão excludente e desigual.

*Patrícia Cardoso.
Mestre em Literatura Brasileira.*

O curso contribuiu em muito para minha prática, vivência no dia a dia da escola, oferecendo momentos de aprendizagem e trocas com os professores, tutores e colegas, mais o excelente material teórico. Um curso, como esse, permite a capacitação aliada à prática em sala de aula, o que se faz muito necessário para quem atua na Educação Básica e Inclusiva, são momentos desafiadores que nos levam a refletir. Outro ponto que em minha opinião foi de muita relevância e mudou o meu olhar em relação ao processo inclusivo foi a abordagem do Desenho Universal da Aprendizagem, permitindo que eu começasse a repensar, com um outro olhar, o processo de inclusão para os sujeitos com necessidades educacionais especiais. Ter contato com essa abordagem foi essencial para minha prática com alunos com necessidades educacionais especiais no contexto inclusivo da escola em que trabalho e ao mesmo tempo o aprimoramento na formação continuada.

*Dulcelene da Silva Santos Costa. Professora
Colégio Estadual Paulino Barbosa*

INTERESSE POR PESQUISA



Durante o curso ouvi que precisávamos de pesquisar sobre a interação dos sujeitos com deficiência intelectual matriculados nas turmas comuns com outros sujeitos, ouvi que havia necessidade de pesquisar sobre como essa relação acontecia e quais as consequências para ambos os estudantes, com deficiência e sem deficiência. A partir desse ponto comecei a amadurecer essa ideia e esse ano vou desenvolver o meu pré-projeto de pesquisa nessa abordagem, tendo por viés a teoria de Vygotsky.

Obrigada pelas sugestões e pelas aulas maravilhosas.

*Dulcelene Costa. Professora.
Colégio Estadual Paulino Barbosa*



Oficina



VIVA A INCLUSÃO

PRODUTOS PEDAGÓGICOS

INTRODUÇÃO

O curso de extensão propôs como finalização a elaboração e exposição de objetos pedagógicos que tivessem características de DUA.

Alguns materiais serão aqui apresentados para ilustrar a produção intensa que ocorreu e demonstrar como resultados interessantes e criativos surgiram desse desafio.

Inicialmente são apresentados três trabalhos que se destacaram e receberam um certificado pela acessibilidade e possibilidade de uso diverso. Estão com descrição dos autores.

Depois outros trabalhos aparecem como exemplos interessantes.

MAPA CONCEITUAL INTERATIVO

Marcela Atala Coutinho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FEBF

João Lucas Iduino Oliveira dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FEBF

O mapa conceitual é composto por uma placa de MDF 1 m x 50 cm encapada com feltro preto na parte dianteira e papel pardo da parte traseira. Possui 29 peças de encaixe feitas com papel tipo 40KG no tamanho A4, folhas de EVA e velcro, e 29 setas de papel EVA, além de 1 texto descritivo sobre o assunto que será abordado (A árvore). Este recurso tem como objetivo ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos e demais, para organizar de forma prática e lúdica a grande maioria dos conceitos trabalhados nos



anos do Ensino Fundamental I. Além disso, foi planejado para abranger o maior número de alunos possível, por isso utilizamos cores contrastantes, braile e materiais mais rígidos. Para a utilização do Mapa Conceitual Interativo é necessário que se faça o planejamento prévio, pois ele pode ser aplicado de forma individual ou em pequenos grupos, sempre sob o auxílio do docente.

A organização e elaboração pode ser por duplas ou com a turma inteira. Inicia-se pela leitura coletiva do texto sobre o tema selecionado. Em seguida formar as duplas, grupos e entregar os componentes do mapa conceitual os quais também podem ser elaborados junto com a turma. Estipular o tempo para discussão do tema (15 minutos aproximadamente). Por fim, os alunos deverão selecionar os pontos que consideram mais importante do texto e escolher, dentre as peças, aquelas que exprimem os conceitos trabalhados, posicionando-as na placa e usando setas para fazer a conexão conceitual sobre o assunto/conceito/tema abordado.

HAND SPINNER: TECNOLOGIA ASSISTIVA NAS OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS

Simone Santana França Carvalho
Duque de Caxias -RJ

Vera Lúcia Giupponi de Souza
Nova Iguaçu - RJ

As operações matemáticas comumente são apresentadas como “arme e efetue”. No entanto, a necessidade da ação é inerente à criança e leva a impulsionar o desenvolvimento, através de inúmeras relações, tanto da linguagem quanto do pensamento. Sendo assim, propomos o uso do *hand spinner* em um jogo de



tabuleiro, como forma de trazer o lúdico também para o cotidiano escolar, utilizando um recurso que desperta o interesse, dando maior autonomia na seleção dos números e favorecendo a resolução de cálculos, envolvendo as diferentes operações fundamentais, fixando os conceitos das mesmas.

Para a sua confecção são necessários: dois retângulos de aproximadamente 40x50cm, de material resistente tipo papelão, protegido com plástico adesivo; dois círculos de aproximadamente 15 cm de diâmetro com linhas tracejadas, divididos em partes iguais com os numerais de 1 a 5, também em Braille, com os espaços coloridos e com texturas diferentes que poderão ser de lixa, tecidos, ou outros, diferentes para cada numeral; outros dois círculos de aproximadamente 15 cm de diâmetro, com linhas tracejadas, divididos em partes iguais, com os numerais de 0 a 10, registrados ao lado de cada faixa, também em Braille, com os espaços coloridos e com texturas diferentes que poderão ser de lixa, tecidos, ou outros, diferentes para cada numeral.

Caso não tenha a impressora em Braille, sugerimos colar metade de pérolas, formando o relevo de cada número. Tais círculos podem ser facilmente elaborados utilizando o recurso do *Word* na aba Inserir Gráficos.

Cole cada par de círculos em cada retângulo, formando dois tabuleiros. Para cada um dos tabuleiros, são necessários dois *hand spinners* com uma seta de emborrachado, ou outro material resistente, fixada em uma das pontas. Em outra ponta, fixe um guizo pequeno, amarrando-o fortemente. Fixe as metades das pérolas também entre as marcações dos círculos, formando obstáculos para que o guizo bata e faça barulho. Os sinais das operações fundamentais devem ser feitos em alto relevo, recortando seu contorno, sugerimos emborrachado com *glitter*, colorido, cada um colado na superfície de tampas em torno de 10 cm de diâmetro, para que não corra o risco de serem ingeridas caso algum aluno ponha na boca. Sugerimos o uso de cola quente ou de contato para fixar todo o material nos tabuleiros.

Esse jogo poderá ser usado por estudantes surdos, deficientes intelectuais, deficientes visuais e com Transtorno do Espectro do Autismo. Para jogar, escolha um dos tabuleiros (de 1 a 5 ou de 0 a 10) e a tampa com o sinal da operação a ser resolvida; cada *hand spinner*, deverá ser colocado no centro de cada círculo e estes deverão ser girados e espera-se que parem para indicar os respectivos números a serem usados para a efetuação do cálculo indicado. Não pode haver interferência no movimento dos *spinners*.

Pode ser jogado individualmente, em duplas ou grupos com vários arranjos. Poderá ser feito cálculo mental ou com registro. Sugerimos que sejam discutidas algumas regras com os estudantes, por exemplo: no caso de subtração, deverá sempre prevalecer o número maior como o primeiro a ser registrado, no caso dos alunos ainda não trabalharem com cálculos negativos, o mesmo ocorrendo com cálculos de divisão.

AS CARTAS DE UMA HISTÓRIA – UMA PERSPECTIVA DE CRIAÇÃO PARA ALUNOS COM DI

Patrícia Cardoso da Costa

Resumo

O objetivo do projeto é utilizar cartas como instrumento de estímulo para a criação de uma narrativa. Entretanto, antes desse passo, é importante que se faça a análise conceitual e semântica de gravuras que sejam escolhidas pelo estudante. Assim, poderemos ajudá-lo, através da mediação, a relacionar as cartas através de seus significados e desenvolver uma história a partir do que está em sua memória afetiva.

O que é o produto?

É um jogo (como Trunfo, Uno...) composto por 32 cartas com gravuras divididas em grupos de pessoas, lugares, objetos e tempo, contendo também uma carta especial. Esses grupos são diferenciados por cores. A partir da combinação dessas cartas, o aluno terá uma ferramenta que irá ajudá-lo a construir uma narrativa.

Objetivo

Utilizar as cartas como instrumento de estímulo para a criação de uma narrativa. Ensinar o aluno, através da mediação, a relacionar as cartas a partir de seus significados e desenvolver uma história baseada em sua memória afetiva.

Fundamentado na análise do Planejamento Educacional Individualizado, é possível traçar um grande leque de opções para que esse aluno possa escolher/construir as gravuras a partir do que tem em sua memória, algo que tem a ver com o seu mundo. Ele precisa ter alguma relação com a carta escolhida.

A quem se destina?

As cartas podem ser usadas por todos os alunos, autistas, deficientes intelectuais, deficientes auditivos ou sem deficiência alguma.



OUTROS PRODUTOS PARA CONHECERMOS!



BONECO ALEX

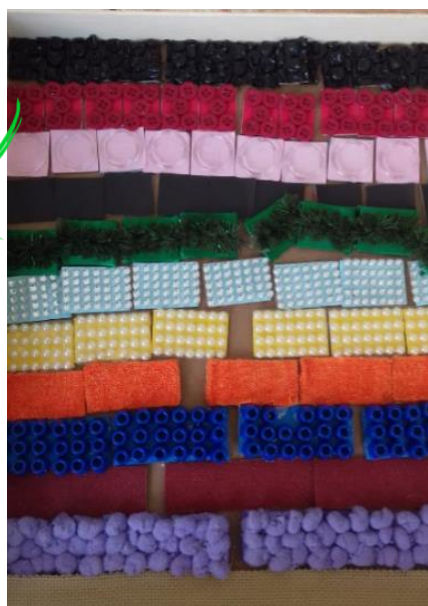
*Mary Ellen Silva Santos
Rosangela Honório dos Santos
Alessandra de Souza Golvêa
Fátima Gomes Nogueiras
rede municipal de Queimados*

Estrutura articulada em EVA, com relevo e peças avulsas para montagem do organismo. Aborda conceitos sobre área curricular de ciências/corpo humano.

FRAC-SOMA SENSORIAL

*Elisângela Bernardes do Nascimento
CAp UFRJ*

Peças feitas com materiais de diferentes texturas (juta, lixa, lã, papel creppn, contas de plástico, ...) com divisões para abordar conceitos sobre frações, como equivalência, cálculos, comparações.





JOGOS INTERATIVOS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Érica Barros
Lucélia Perrut
Marco Viegas
Marina Nunes
Rosana Gomes

Desenvolvemos nosso produto como uma releitura dos jogos de dominó, de memória e quebra-cabeças. Nessa releitura, utilizamos as imagens dos alunos nos jogos como uma estratégia pedagógica para se reconhecerem e aos colegas, com o objetivo de trabalharmos ludicamente na construção de suas identidades. São três jogos em caixas separadas. Os jogos de dominó, quebra-cabeças e o jogo da memória foram confeccionados em material MDF e em cada peça tem impresso as imagens dos alunos.

FACILITADOR DE INCLUSÃO - DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL

Doris Dos Reis Carvalho Coelho
Ciências Sociais - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

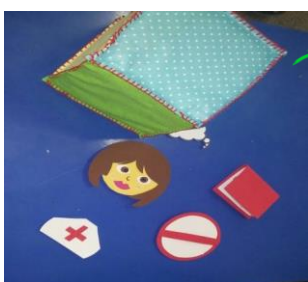
Gabriela Fernandes Pereira Madeira
Letras Português/Literaturas - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Priscilla Pinheiro Machado
Licenciatura em ciências biológicas - Unigranrio

Trata-se de uma mídia *.ppsx que fornecerá informações ao professor sobre a Deficiência Intelectual e as Leis de inclusão com o objetivo de auxiliá-lo a compreender o processo de inclusão do seu aluno.

O professor encontrará informações como "O que é Deficiência Intelectual", "Leis sobre a Inclusão". Há também uma dinâmica que trabalha conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa, que poderá ser realizada pelo próprio aluno, como um exemplo para que o professor possa construir um material tecnológico como aparato de seus conteúdos disciplinares.





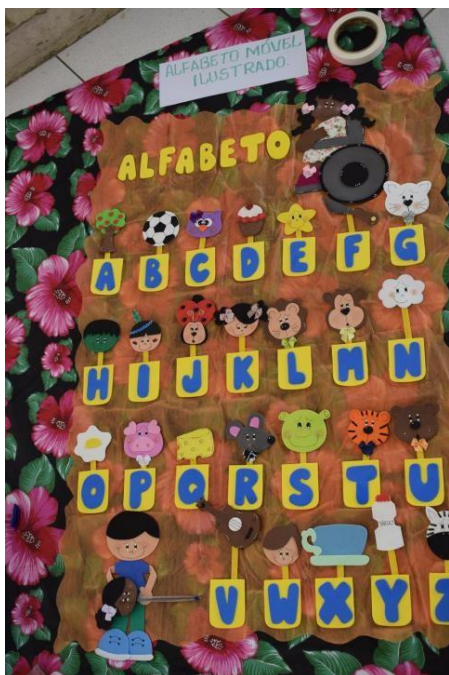
DADO INTERATIVO EM 3D

*Lucimar Vieira da Silva
Marcela de Souza Oliveira Alves
Zilla Alzaret Almeida*

O dado foi confeccionado com: tecido, emborrachado colorido e contém bonecos fixados em seus lados com velcro. Material que proporcionará a troca de lugar dos personagens que foram confeccionados em alto relevo ilustrando os personagens do livro: "A menina que não gostava de ler", de Lilia Gramacho.

A contação de história será realizada de forma interativa e dinâmica, com auxílio do produto pedagógico como estratégia para estimular as formas de expressões e criatividade dos alunos, atendendo às características dos estudantes de diversos contextos sociais e culturais, com diferentes capacidades e interesses.

OUTRAS IDEIAS



ALFABETO MÓVEL ILUSTRADO



JOGO DE LEITURA



PAINEL INTERATIVO:
ROTINA ESCOLAR



CALENDÁRIO MÓVEL UNIVERSAL



PAINEL SENSORIAL



Ofertas de Produtos



PESQUISAS

POR QUE AS ESCOLAS CONTINUAM PEDINDO O LAUDO PARA ESCOLARIZAR ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL?

Carla de Paiva⁴

Para refletir sobre essa questão trouxemos dados da pesquisa de mestrado “*O processo de avaliação e encaminhamento de alunos com deficiência intelectual para o Atendimento Educacional Especializado*”, realizada por meio da análise de entrevistas semiestruturadas em sete Redes de Ensino, a saber: Belford Roxo, Duque de Caxias, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados e São João de Meriti. Os resultados da pesquisa evidenciaram que o acesso ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) é garantido para todos com base na Nota Técnica nº4, de 23 de janeiro de 2014, mas as entrevistadas informaram que buscam o laudo médico, por diversos motivos. Isto evidencia que o saber médico ainda é fortemente presente na cultura escolar no que diz respeito aos processos de ensino e aprendizagem dirigidos a pessoas com deficiência intelectual. De acordo com a pesquisa, a Nota Técnica não deu subsídios suficientes para que a escola pudesse assumir o papel de protagonista na realização do trabalho pedagógico junto à pessoa com deficiência intelectual, deixando os profissionais inseguros quanto à sua real condição de atuação neste campo. Há outros modelos de compreensão da deficiência que possibilitam outras formas de avaliação desse alunado. Mas, isso implica em mudar concepções tradicionais focadas nas impossibilidades dos sujeitos para uma visão social da deficiência. Ainda, segundo a pesquisa, as políticas são pensadas em macrocontextos e quando atingem os microespaços, no caso dos municípios pesquisados, não correspondem à realidade local. Outro aspecto evidenciado na pesquisa diz respeito à manutenção das parcerias entre o setor público da Educação Especial com setores privados e filantrópicos, os quais continuam com atuação nos microcontextos em que o poder público não se faz presente. Essas parcerias foram incentivadas nos Planos Municipais analisados e remontam à história da Educação Especial no Brasil, fortemente vinculada ao modelo médico de compreensão da deficiência. Por fim, mesmo que sucintamente, nossa

⁴ Mestre em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGEduc/UFRRJ). Professora das Redes Municipais de Educação de Nova Iguaçu e Rio de Janeiro.

pesquisa traz elementos para refletir sobre as contradições e tensões presentes na identificação e encaminhamento aos suportes especializados de pessoas com deficiência intelectual, as quais, muitas vezes, são estigmatizadas por processos questionáveis de avaliação que impactam em suas trajetórias escolares e de vida. Ainda temos um longo caminho para transformar essa cultura do sujeito “laudado ou não laudado”.

Sheila Venancia da Silva Vieira⁵

Neste texto temos como objetivo apresentar, de forma sucinta, os resultados de nossa pesquisa de mestrado que analisou a implementação do atendimento pedagógico domiciliar (APD) enquanto política pública na Rede Municipal de Belford Roxo/RJ, considerando os parâmetros legais e as concepções envolvidas com as práticas pedagógicas. O APD é uma ação pedagógica que pensa o aluno como cidadão, com direito ao convívio e dignidade, por meio de projetos educacionais marcados pela alteração temporária do espaço de moradia em um ambiente de ensino-aprendizagem. Considerando o recorte temporal compreendido entre os anos de 2006 a 2015, por intermédio da triangulação dos dados coletados na revisão da literatura, informações dos microdados do censo escolar deste período, pesquisa de campo e das entrevistas realizadas com os profissionais que participam da implementação e organização do APD neste município, passamos aos procedimentos de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Os resultados de nossa pesquisa mostraram que o APD e os múltiplos aspectos correlacionados direta ou indiretamente perpassam, tanto a “quase inexistente” formação docente inicial, continuada e em serviço, quanto ao universo de práticas pedagógicas diversificadas. O estudo apontou, também, para a urgência de investimentos políticos e estruturais que favoreçam a escolarização dessa parcela estudantil de forma a remover a “invisibilidade” que recai sobre os profissionais e estudantes impedidos temporariamente ou permanentemente de frequentar a escola.

⁵Professora da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e Diretora Geral da ETE Maria Mercedes Mendes Teixeira (FAETEC/RJ).
Mestre em Diversidade e Inclusão - Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão.

*Izadora Martins da Silva de Souza*⁶

O presente trabalho tem como tema a escolarização do sujeito com deficiência intelectual (DI) e discute práticas curriculares e tecnológicas a partir da concepção internacional do *Universal Design for Learning (UDL)*, com tradução oficial de Desenho Universal para Aprendizagem (DUA). Assim, tomando como base o direito educacional ao acesso, à participação e à aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual, objetivamos acompanhar e analisar a aplicação de um piloto envolvendo o livro digital acessível e as concepções docentes sobre essa ação, com ênfase na perspectiva do DUA. Em termos metodológicos optamos pela pesquisa qualitativa, com ênfase no estudo de caso. Levando em consideração esses aspectos, a produção de dados foi levantada a partir de dois campos: a) uma escola pública na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, com a aplicação de um protótipo de um livro digital, realizada com um aluno com deficiência intelectual, matriculado em classe comum; 2) um curso de extensão com a temática Desenho Universal para Aprendizagem, voltado prioritariamente para professores da Baixada Fluminense, realizado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Campus Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. A nossa investigação se insere em dois projetos de pesquisa: *A escolarização de alunos com deficiência intelectual: políticas públicas, processos cognitivos e avaliação da aprendizagem* (OBEDUC/CAPES); *Desenho Universal para a Aprendizagem: Implementação e Avaliação do Protocolo do Livro Digital Acessível*, ambos vinculados à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Os resultados, entre outras questões, denotaram que, apesar de avanços consideráveis nas políticas públicas, o ponto de vista docente a respeito do alunado com deficiência intelectual ainda é estereotipado quanto à escolarização. Nota-se que esse indivíduo, em função do estigma histórico, acaba, muitas vezes, passando pela escola e pelo currículo como alguém sem capacidade de aprender. Também ficou

⁶ Mestre em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEduc/UFRRJ). Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp-UFRJ). Integra a equipe de pesquisadores do Observatório de Educação Especial e Inclusão Educacional (ObEE).

evidenciado, na pesquisa, que o livro didático digital empregado nas práticas escolares pode originar novas perspectivas diante da pessoa com deficiência intelectual. Com relação ao curso de extensão, os dados mostraram a importância da tecnologia, mas com a compreensão que tal instrumento não substitui a mediação pedagógica. Por fim, apesar dos desafios, entendemos que o nosso estudo evidenciou possibilidades e perspectivas que contribuem para a participação do aluno com deficiência intelectual na escola.

Montagem
ação e
reflexão



INDICAÇÕES DE LEITURAS

Salas abertas: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas em Comunicação Alternativa e Ampliada nas Salas de Recursos Multifuncionais

Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Disponível em: www.uerj.com (gratuito)

Organizadoras: *Leila Regina d´Oliveira de Paula Nunes e Carolina Rizzotto Schirmer*



Em janeiro de 2013, fomos procuradas pela equipe da Oficina Vivencial de Ajudas Técnicas para Ação Educativa, do Instituto Municipal Helena Antipoff – SME, no Rio de Janeiro, que estava interessada em desenvolver uma parceria com a universidade para uma pesquisa que envolveria a formação de professores, com a ideia de realizar um trabalho inovador na área de Tecnologia Assistiva (TA), principalmente na Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA). O principal objetivo seria formar uma equipe de professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE) para ampliar o trabalho da Oficina Vivencial (OV) por meio das Salas de Recursos Multifuncionais de Referência.

O extenso acervo de estudos sobre a formação continuada de professores e seus achados levou-nos à reflexão de que, mesmo diante das práticas inclusivas e de toda a informação disponível, o professor necessita de conhecimentos específicos, atualizados e fundamentados teoricamente, que deem suporte à resolução dos problemas vivenciados no dia a dia na escola. Esses estudos ainda criticam os modelos de formação continuada adotados pela maioria das instituições e defendem que essa formação deveria ser oferecida utilizando-se modelos alternativos, uma vez que os tradicionais são formatados para repassar conhecimentos de caráter meramente informativos, desvinculados da realidade de sala de aula, que não contemplam as necessidades dos professores e dos alunos, e que, por isso, pouco contribuem para a modificação das concepções e práticas destes.

Outro ponto importante a ser pensado é a separação entre a pesquisa e a prática educacional e entre os planejadores e executores das ações

educativas, o que torna a função do professor esvaziada e desqualificada, já que sua missão se resume a validar, na prática, o conhecimento científico previamente elaborado por pesquisadores fora do contexto escolar (Machado, 1999). Zeichner (1992) e Nóvoa (1992) argumentam que, além de apresentar críticas ao modelo da racionalidade técnica, Schön apontou possibilidades de mudança, introduzindo a necessidade de repensar-se a epistemologia da prática, fundamentada na reflexão a partir de situações concretas. Dessa maneira, a formação de professores ganha outra dimensão, passando a ser centrada na investigação do próprio trabalho no contexto escolar. Esse modelo ficou conhecido como modelo da prática reflexiva, e há um consenso na literatura sobre a relevância de sua incorporação nas formações inicial e continuada de professores.

Partindo dessas ideias de que o modelo de formação deveria estar vinculado à realidade da sala de aula, atendendo às necessidades dos professores e pensando no modelo da prática reflexiva, surgiu a nossa proposta de formação continuada em serviço de professores de Salas de Recursos Multifuncionais para atuar com TA, principalmente a CAA, que é o tema principal deste livro.

Esta publicação apresenta a pesquisa desenvolvida por nós, não apenas pesquisadores e assistentes de pesquisa vinculados ao grupo de pesquisa Comunicação Alternativa do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ e seus colaboradores, mas também a equipe da OV e, é claro, todas as professoras que se envolveram com o projeto ao longo dos quatro anos de formação. A pesquisa foi financiada com a bolsa Cientista do Nosso Estado para Leila Regina d´Oliveira de Paula Nunes (FAPERJ – Proc. 102.319/2013) e bolsa de pós-doutorado para Carolina Rizzotto Schirmer (CNPq – Proc. 501388/2013-3).

O livro oferece ao leitor contribuições teórico-práticas relativas às áreas de Educação Especial, Formação de Professores, Tecnologia Assistiva, Comunicação Alternativa e Ampliada, além de constituir um trabalho de grande importância para a consulta por parte daqueles que atuam ou pretendem atuar nas áreas da Educação Especial e da CAA. Ao longo dos dezesseis capítulos são discutidas questões relativas à formação continuada em serviço de professores, comunicação alternativa e ampliada, materiais pedagógicos e lúdicos adaptados, informática acessível, entre outros.

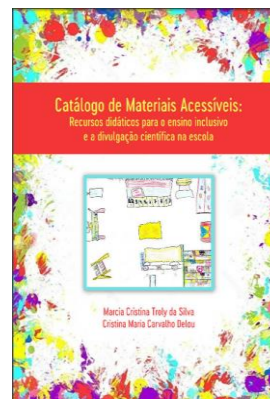
Esperamos que este livro contribua para a área da Educação Especial e CAA, e que as metodologias, os conteúdos e as atividades descritas e discutidas na presente obra possibilitem aos professores e aos demais profissionais e interessados uma revisão de suas concepções e práticas pautadas na diversidade.

***Catálogo Materiais didáticos acessíveis:
recursos para o ensino inclusivo e a
divulgação científica na escola***

Editora: Universidade Federal Fluminense
Disponível em

[http://www.perse.com.br/novoprojetoperse/
BSU_Data/Books/N1519334616148/Amostr
a.pdf](http://www.perse.com.br/novoprojetoperse/BSU_Data/Books/N1519334616148/Amostr_a.pdf)
(gratuito)

Autoras: *Marcia Cristina Trolly da Silva
Cristina Maria Carvalho Delou*



Tem por finalidade socializar as brincadeiras e jogos adaptados e elaborados na sala de recursos multifuncional, favorecendo a aprendizagem dos alunos e motivando os professores a produzirem muitas outras brincadeiras e jogos.

Na apresentação deste catálogo, foram explicadas algumas de suas propriedades que podem estimular e respeitar a construção do pensamento matemático e as formas de como as crianças se apropriam desses jogos.

Cada jogo teve sua apresentação dividida em:

- Alcance do conhecimento: parte em que foram apresentados os conceitos matemáticos e de leitura e escrita possíveis de serem trabalhados;
- Material: nesta parte foram enumerados os materiais usados para a confecção dos jogos;
- construindo o jogo: parte que descreve por tópicos como construir o material;
- público-alvo: indica o perfil do aluno para quem o jogo foi construído;

- números de jogadores: a maioria dos jogos selecionados é para dois ou mais jogadores;
- como jogar: aqui é apresentado o modo de jogar o jogo.

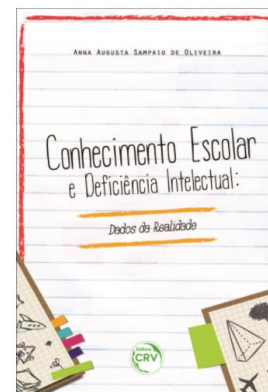
Além de despertar uma reflexão sobre como adaptar esse aluno com necessidade educacional especial nas turmas regulares de ensino, fica registrada aqui a importância de o professor ter em mão diversos recursos que possam auxiliá-lo a variar as estratégias didáticas em sala de aula.

LIVRO

Conhecimento Escolar e Deficiência Intelectual

Editora: EDITORA CRV
Disponível em: www.editoracrv.com.br
Versão impressa e digital

Autora: Anna Augusta Sampaio de Oliveira



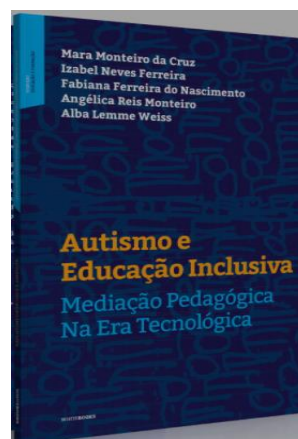
O texto apresenta uma discussão sobre o processo de escolarização de escolares com deficiência intelectual em ambientes comuns do ensino regular e fundamenta suas discussões na compreensão histórica da constituição humana. Em decorrência, o estudo da deficiência intelectual ultrapassa uma compressão meramente biológica por meio de uma narrativa que a localiza no tempo histórico e a condição do sujeito determinada na e pelas relações sociais. O foco do estudo é a escola e o processo de aprendizagem. Por meio de dados de avaliação pedagógica, realizada com a utilização do Referencial de avaliação da Aprendizagem na Área de Deficiência Intelectual – RAADI, a autora aponta as possibilidades e as fragilidades desses escolares em relação ao currículo escolar, especificamente nas áreas da Língua Portuguesa e Matemática e a indubitável tarefa da escola de reconhecer a singularidade do saber e intervir de forma planejada, sistemática e contínua para impulsionar e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores também daqueles com deficiência intelectual. É necessário olhar além das aparências e buscar a

essência do processo educativo na perspectiva inclusiva e compreender a presença desses escolares em sua singularidade e, além disso, assumir, verdadeiramente, o sentido do ensino na diversidade, primazia do pensamento contemporâneo sobre inclusão escolar.

Autismo e Educação Inclusiva

Editora: Whitebooks
Disponível: www.whitebooks.pt

Autoras: Alba Lemme Weiss
Angélica Monteiro
Fabiana Ferreira do Nascimento
Izabel Neves Ferreira
Mara Monteiro da Cruz



Com o advento das políticas de educação inclusiva, temos vivenciado diferentes mudanças no que diz respeito à escolarização do público-alvo da Educação Especial, em particular, de pessoas com deficiências e autismo. No entanto, apesar dos avanços legais em prol dos direitos educacionais e sociais dessa população ainda há muitos questionamentos e inquietações, sobretudo, por parte dos professores que recebem esses sujeitos em suas salas de aula. Dentre os questionamentos a maioria pergunta: Como ensinar este aluno e o restante da turma? Que recursos usar? Como atender a diversidade e às especificidades de todos tendo pela frente um currículo geral? Esta obra é uma grande contribuição para pensar caminhos e possibilidades na escolarização de alunos com autismo. As discussões apresentadas ao longo do livro estão fortemente amparadas em pesquisas e vivências profissionais das autoras, que, por sua vez, tecem um retrato conceitual atualizado e instigante para a discussão da tecnologia como uma das possibilidades para construir práticas pedagógicas mais inclusivas para todos os que compõem a diversidade presente nas escolas.

Tenho certeza de que a leitura atenta desta obra auxiliará o leitor a refletir sobre a tecnologia, a diferenciação curricular e o suporte especializado da Educação Especial para o trabalho junto a alunos com autismo.

Profª Drª Márcia Denise Pletsch



ObEE



OBSERVATÓRIO

de Educação Especial e Inclusão Educacional

FINANCIAMENTO

